

<b>Título do Estudo: O Lugar e o Não Lugar da Expressão Plástica nos Projectos Curriculares nas acções dos Educadores de Infância</b>	
<b>Guião de observação dos contextos em estudo</b>	
<b>Data da Observação:</b> 13 de Março de 2008	<b>Hora da Observação:</b> 10h/12h
<b>Contexto da Observação: (neste item refiro-me à identificação do jardim de infância)</b>	
<b>Actividade observada (orientada ou jogo espontâneo):</b> Criação de objectos diversos para oferecer ao Pai, no dia do Pai.	
<b>Espaço utilizado para o desenvolvimento da actividade:</b> Sala de actividades (1º momento manta de acolhimento/2º momento mesa na área da plástica).	
<b>Intervenientes:</b> Educadora A e crianças da sala de 5 anos.	
<b>Introdução à informação recolhida por observação directa:</b> De acordo com a educadora cada criança escolheu a prenda que gostaria de dar no Dia do Pai. Após a conversa em que as escolhas foram feitas a educadora fez um registo com os nomes das crianças e imagens do(s) objecto(s) que tinham escolhido.	
<b>Registo da observação em contexto</b>	
<p>A actividade teve início na manta de acolhimento onde, em conjunto com a educadora, as crianças lembraram o que gostariam de dar ao Pai, através do registo que a educadora havia realizado.</p> <p>Após a conversa, as crianças distribuíram-se pelas áreas de jogo com excepção de cinco crianças que se sentaram na mesa da plástica para iniciar a criação das respectivas prendas. Algumas das crianças já haviam construído as suas prendas noutro momento.</p> <p>Na mesa estavam colocados os seguintes materiais: folhas de esponja de diferentes cores, plasticina, tesouras, marcadores e pasta de modelar de diferentes cores.</p> <p>A educadora propôs que consultassem o registo para pensarem quais os materiais é que poderiam utilizar e de que forma poderiam fazer os objectos e apoiou sempre as crianças na procura de soluções.</p> <p>Embora inicialmente soubessem o que queriam fazer as crianças tinham dificuldade em pôr em prática as suas ideias, começando a cortar directamente nos materiais. Por vezes, cortavam demasiado e o resultado não correspondia às suas expectativas, então diziam que afinal já não queriam fazer isso e que iam pensar noutra coisa e estavam constantemente a mudar de prenda.</p> <p>Para apoiar as crianças a educadora propôs desenharem</p>	<p>A actividade observada foi reveladora da intencionalidade do envolvimento das crianças no planeamento das acções, contribuindo assim, para o desenvolvimento de competências ao nível da tomada de decisões e da argumentação das escolhas.</p> <p>Ainda assim, com excepção de duas crianças, que o fizeram espontaneamente não houve no decorrer da actividade acções da educadora no sentido de promover a cooperação entre as crianças, fazendo cada uma o seu trabalho individualmente sem existir troca de opiniões, saberes, sentimentos, emoções, entre outros.</p> <p>Embora os objectos tenham sido seleccionados pelas crianças, estas evidenciaram dificuldade ao pôr em prática as suas ideias e em levar até ao fim o desenvolvimento dos seus projectos, dependendo sempre do apoio do adulto, o que poderá ser um indicador de que a educativa deverá privilegiar mais a concretização de acções pedagógicas promotoras do desenvolvimento de competências criativas e de gestão de projectos comuns e individuais.</p> <p>Uma das estratégias que penso que poderia ter sido enriquecedora para o desempenho das crianças seria ter existido uma fase anterior à “execução” da prenda em que cada criança pudesse “construir” o projecto do seu trabalho, reflectindo em conjunto com a educadora a utilidade da prenda, os possíveis materiais a utilizar, as</p>

<p>antes de recortar para facilitar a construção.</p> <p>A J. estava muito indecisa na escolha da prenda, mas ao ver os colegas disse querer fazer um porta chaves colorido com a pasta de modelar.</p> <p>Entretanto, a T. concluiu o seu porta chaves. A educadora questionou como iria ela prender as chaves, incentivou-a a escolher o fio e ajudou-a a colocá-lo. Concluído o porta chaves a educadora incentivou a criança a escrever Pai e o nome do Pai, soletrando as letras para apoiar na escrita. Ao soletrar a educadora ia estabelecendo relações com os nomes dos colegas ou os seus próprios nomes e aproveitou o quadro de requisição dos livros da área da leitura para o fazer.</p> <p>Entretanto, a J. começou a desmotivar novamente da concretização do porta chaves e pediu à educadora para o fazer ao que a educadora respondeu de forma bastante calma e afectuosa “De quem é o Pai?... então não sou eu que vou fazer. Eu faço para o meu Pai. Posso é ajudar-te!”.</p> <p>O J.P. estava a realizar um tapete para o rato e a C. estava a ajudar. Na altura de escrever o nome do Pai o J.P. ia usar uma caneta da cor do material onde ia escrever e a educadora questionou-o se essa cor se iria notar. Ele imediatamente desistiu da cor que escolheu, mas a educadora incentivou-o a experimentar para comprovar, pois ela também não sabia qual seria o efeito, estava apenas a perguntar o que ele achava. O J.P. pegou novamente na caneta azul e escreveu uma letra e concluiu que funcionava e assim pôde continuar a escrever o nome.</p> <p>À medida que as crianças iam concluindo o trabalho iam brincar nas áreas de jogo e outras crianças vinham para a mesa construir a sua prenda.</p> <p>O D. escolheu fazer um livro. A educadora apoiou a seleccionar o material e a pensar na melhor forma de o fazer. Foi questionando sobre as medidas, onde teria que se cortar cada cartolina, como fazer a capa, como unir as páginas, etc. O D. foi bastante autónomo na criação do seu presente e juntamente com o J.P. foram as crianças que conseguiram levar o seu projecto desde o início até</p>	<p>fases do trabalho de forma a ter uma ideia mais concreta e definida.</p> <p>Embora a actividade ter ocorrido em pequeno grupo tenha sido favorável a um apoio mais individualizado por parte da educadora, o facto de as crianças irem concluindo e “entrarem” outras para o grupo poderia por um lado ampliar as possibilidades de cooperação e de trocas de ideias entre as crianças e por outro diminuir a ocorrência de partilha decorrente do pouco tempo de permanência das crianças umas com as outras. Ainda assim, considero que este aspecto não foi potenciado pela educadora centrando-se as crianças na execução individual do objecto escolhido e recorrendo apenas ao apoio da educadora (com excepção de duas crianças). Além disso, o facto de estar a acontecer jogo espontâneo em simultâneo nas restantes áreas de jogo da sala provocou alguma desmotivação nas crianças envolvidas na actividade de plástica que, com excepção das duas crianças já referidas, revelavam preferir ir “brincar”.</p> <p>Ainda assim, não posso deixar de referir a dificuldade que é orientar, ainda que em pequeno grupo, todas as crianças o que foi bastante conseguido pela educadora sempre atenta e disponível para todas as crianças quer do pequeno grupo, quer as que estavam em jogo espontâneo.</p> <p>No que refere aos materiais, embora as crianças pudessem recorrer a outros existentes na área da plástica, o facto de já se encontrarem expostos na mesa, condicionou a meu ver as suas escolhas. Embora estes fossem apelativos e de qualidade estética penso que poderia ter havido maior variedade, diversidade e maior incentivo para as crianças procurarem outros materiais. Outro aspecto que considero constrangedor para um maior envolvimento das crianças foi a não participação das mesmas na arrumação do espaço e materiais, o que contribuiria também para a responsabilização na organização e manutenção dos espaços que utiliza.</p> <p>Embora muitos aspectos pudessem ser enriquecidos considero que foi uma actividade muito significativa na medida em que contrariou a tendência habitual para a construção de prendas iguais para os diferentes pais e</p>
---	--

<p>ao fim.</p> <p>Quando todos terminaram a educadora arrumou o espaço e os materiais.</p>	<p>permitiu a cada criança fazer a sua escolha e criar as suas soluções, embora naturalmente se influenciassem mutuamente com as escolhas dos colegas.</p>
--	--